

Hospitalidade e migração: as relações de acolhimento e hostilidade sob a égide do protagonismo feminino

Hospitality and migration: relations of welcome and hostility under the aegis of female leadership

Hospitalidad y migración: las relaciones de acogida y hostilidad bajo la égida del protagonismo femenino

Beatriz Flexa Ribeiro Proença Gomes da Silva¹

Leandro Benedini Brusadin²

Resumo: A hospitalidade conecta-se com diversos campos, como migração e refúgio, especialmente em crises humanitárias globais. Este estudo interdisciplinar analisa as relações entre migrantes e anfitriões, com foco na hospitalidade como eixo de acolhimento e hostilidade, especialmente no contexto feminino. O trabalho explora a perspectiva de acolhimento realizada pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) em Belo Horizonte (MG), Brasil, investigando a atuação feminina como protagonista no processo migratório, seja como anfitriãs ou como migrantes. A pesquisa envolve uma revisão bibliográfica nas áreas de hospitalidade e migração e inclui entrevistas semiestruturadas e observação participante com colaboradoras do SJMR. Os resultados mostram que, apesar de desafios políticos e estruturais que contribuem para a hostilidade e vulnerabilidade das mulheres migrantes, o acolhimento no SJMR se aproxima dos ideais de hospitalidade, e enfatiza o papel social e a ética do cuidado promovido por essas anfitriãs. Conclui-se que a reciprocidade entre migrantes e anfitriãs no SJMR consolida uma política de hospitalidade baseada no cuidado e na inclusão, especialmente frente à ausência de uma política de hospitalidade integrada do Estado brasileiro para mulheres migrantes.

Palavras-Chave: Hospitalidade, migração, feminino, dádiva, Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR).

Abstract: Hospitality connects with various fields, such as migration and refuge, especially in contexts of global humanitarian crises. This interdisciplinary study examines the relationships between migrants and hosts, focusing on hospitality as an axis of both welcome and hostility, particularly from a female perspective. The research explores the role of hospitality as practiced by the Jesuit Service for Migrants and Refugees (JSMR) in Belo Horizonte, Brazil, highlighting women as key actors in the migratory process, both as hosts and as migrants. The study includes a literature review in the areas of hospitality and migration, along with semi-structured interviews and participant observation with SJMR collaborators. Results show that, despite political and structural challenges contributing to hostility and vulnerability among migrant women, the hospitality practiced at SJMR aligns with the ideals of true hospitality. It underscores the social role and ethics of care promoted by female hosts. The study concludes that reciprocity between migrants and hosts at SJMR establishes a hospitality policy based on care and inclusion, particularly given the absence of an integrated hospitality policy by the Brazilian state for migrant women.

Key words: Hospitality, migration, feminine, gift, Jesuit Service for Migrants and Refugees (JSMR).

¹ Universidade Federal de Lavra - UFLA. E-mail: beatrizflexar@hotmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2525-1039>

² Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: leandrobrusa@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2778-2095>

Resumen: La hospitalidad se conecta con diversos campos, como la migración y el refugio, especialmente en contextos de crisis humanitarias globales. Este estudio interdisciplinario examina las relaciones entre migrantes y anfitriones, enfocándose en la hospitalidad como un eje tanto de acogida como de hostilidad, en particular desde una perspectiva femenina. La investigación explora el papel de la hospitalidad tal como se practica en el Servicio Jesuita a Migrantes y Refugiados (SJMR) en Belo Horizonte, Brasil, destacando a las mujeres como actores clave en el proceso migratorio, tanto como anfitrionas como migrantes. El estudio incluye una revisión bibliográfica en las áreas de hospitalidad y migración, junto con entrevistas semiestructuradas y observación participante con colaboradoras del SJMR. Los resultados muestran que, a pesar de los desafíos políticos y estructurales que contribuyen a la hostilidad y vulnerabilidad entre las mujeres migrantes, la hospitalidad practicada en el SJMR se alinea con los ideales de hospitalidad genuina. Subraya el papel social y la ética del cuidado promovido por las anfitrionas. Se concluye que la reciprocidad entre migrantes y anfitrionas en el SJMR establece una política de hospitalidad basada en el cuidado y la inclusión, especialmente frente a la ausencia de una política de hospitalidad integrada por parte del Estado brasileño para las mujeres migrantes.

Palabras clave: Hospitalidad, migración, femenino, dádiva, Servicio Jesuita a Migrantes y Refugiados (SJMR)

1 Introdução

O presente artigo é fruto de uma dissertação de mestrado que trata da hospitalidade sob o ponto de vista social e político. A teoria da dádiva de Marcel Mauss (2003) e a fenomenologia do acolhimento de Jacques Derrida (2003) são basilares para a compreensão da hospitalidade em sentido condicional e incondicional, respectivamente. Outros autores contemporâneos auxiliam na composição desta pesquisa ao trazer a noção política de hospitalidade na relação com o outro, em uma perspectiva social e antropológica, que amplia o campo, por vezes, tratado como uma ferramenta técnica do turismo e da hotelaria. A premissa da hospitalidade do presente trabalho surge em diferentes momentos da intercessão tênue entre o acolher e o hostilizar e, dessa maneira, não busca categorizar as relações de hospitalidade em mecanismos didáticos que escapam do vivido.

Outra ressalva importante a se fazer é que este estudo não busca, quando se refere ao feminino, tratar de diferenças de comportamentos e aos estudos de gênero em si, tampouco se pretende tratar do feminismo em si, mesmo que reconheça sua importância para que as mulheres tenham os seus direitos fundamentais garantidos. O que se busca de fato é tratar da mulher como protagonista no processo migratório, tanto de quem acolhe como de quem é acolhido (ou deveria ser) no Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) em Belo Horizonte, a fim de evidenciar as relações de troca entre tais mulheres como laço social. Diante disso, se justifica o recorte espacial da presente pesquisa, pois tanto as anfitriãs quanto as hóspedes são mulheres.

Em termos metodológicos, e *a priori* a pesquisa de campo se encaminharia para entrevistas com as colaboradoras e migrantes atendidas no Serviço Jesuíta a Migrantes e

Refugiados (SJMR). No entanto, apesar do intuito de dar voz aos dois lados do processo de hospitalidade, anfitriãs e hóspedes, por motivos éticos e legais, não foram realizadas entrevistas com as migrantes para não causar desconfortos às mulheres sujeitadas ao processo de hospitalidade da instituição. Assim, optamos pela utilização da pesquisa observatória *in loco*, realizada no mesmo período que as entrevistas com as colaboradoras (anfitriãs). Uma das autoras do presente trabalho passou um período nos mais diferentes setores do SJMR-BH e pode conversar e compreender com mais profundidade as atividades ali realizadas e observar o atendimento às migrantes e refugiadas. A pesquisa observatória permitiu compreender não somente o processo de acolhida, mas o papel da mulher tanto como quem recebe, como quem é recebido. O estudo caminhou, então, para o elóquio das teorias em consonância com a vivência *in loco*, no intuito de analisar a hospitalidade sob o prisma da dádiva de Mauss (2003) e a fenomenologia do acolhimento de Derrida (2003) no processo migratório, com enfoque no protagonismo feminino no SJMR.

Dessa maneira, como objetivos do artigo buscou-se averiguar as interfaces entre a hospitalidade e o processo migratório contemporâneo em recorte mais aprofundado no Brasil; contextualizar a relação entre hospitalidade, migração e mulheres nas condições de anfitriãs e hóspedes, com recorte espacial no SJMR em Belo Horizonte (MG); e, por fim, refletir sobre os processos de hospitalidade em seu cunho político e social. Este estudo tem sua importância e originalidade na integração entre as pesquisas acadêmicas no campo da hospitalidade em sentido interdisciplinar. Ademais, trata-se de uma busca para entender as interfaces entre hospitalidade e sociedade, sob a luz da dádiva e da fenomenologia do acolhimento em se tratando de migração e gênero na atualidade.

Ao fim, percebe-se a importância deste tipo de estudo para o entendimento científico ampliado do próprio do campo do turismo. Nesse sentido, a análise das formas de acolhimento moderno para com o gênero feminino se faz importante, sobretudo em um momento de uma crise migratória ao qual denota uma crise de hospitalidade (Brusadin, 2021) em âmbito mundial, em que as instituições passam a ter papel primordial para preservar a vida das pessoas em situação de vulnerabilidade.

2 Referencial teórico

2.1 Hospitalidade: interseção entre o acolher e o hostilizar

As fronteiras territoriais são lugares de barreiras e de conflitos geopolíticos os quais denotam as desigualdades entre os povos de modo que a hospitalidade pode ser entendida como forma de mediação entre eles. Bauman (2007) elucida a relação da terra e do território quando afirma que não há terra nula, pois não há espaço em branco no mapa mental e nem há terra nem povo desconhecidos, muito menos incognoscíveis. Entender o outro como outro de forma separada perde o sentido quando encontramos no outro o que somos nós. Apesar disso, em um contexto da sociedade de indivíduos (Elias, 2000), observa-se a rigidez das fronteiras físicas e ideológicas de camadas da população que habitam a Terra em busca de extrair de si o senso coletivo e a coesão social, ainda que tais requisitos humanos, integrados à natureza, forneçam sentido a nossa existência e à própria hospitalidade.

Desse pressuposto partem-se as percepções de acolhimento e de hostilidade, de modo que na intercessão entre esses termos está a hospitalidade como forma de mediação. Nessa pesquisa, a hospitalidade é tratada em um prisma sociológico e não necessariamente imbricada ao atender do comércio sobre os quais os estudos em turismo muitas vezes se debruçam. Entretanto, a ideia do conceito de hospitalidade não deve ser contraposta à economia, pois a própria moral da dádiva de Mauss (2003) situava a circularidade de bens e riquezas nas sociedades antigas como forma de poder no potlach, sob influência do kula descrito por Malinowski (1978). O problema é que os rituais das sociedades antigas estudadas por ambos os autores partem de uma organização social coletiva, enquanto a sociedade contemporânea é marcada pelo individualismo das relações.

Pensar em hospitalidade na contemporaneidade tornou-se, pois, uma necessidade social diante da crise de coletividade a qual vivemos. Marcelino e Camargo (2017) entendem que a hospitalidade nasce como discussão teórica no campo da filosofia e da teologia e, posteriormente, chega às ciências sociais: na filosofia, a questão é a hospitalidade como virtude; já nas ciências sociais, é a hospitalidade como dádiva. No turismo, pode-se compreender a hospitalidade como uma efetiva ampliação dos estudos e pesquisas, já que os estudos turísticos devem se aproximar de perspectivas históricas, sociológicas e antropológicas no que se refere às relações entre anfitrião e hóspede em diferentes prismas. No caso deste artigo, esta aproximação se dá pelo

campo migratório que, de variadas formas, está relacionado ao setor turístico quando se observa as práticas de mobilidade, comensalidade, trabalho, cultura e outras mais.

Para melhor compreender as nuances que perpassam e coexistem nos estudos de hospitalidade, compreende-se que o ato de acolher está nas relações e trocas humanas sob a égide da assimetria da reciprocidade. A teoria da dádiva escrita por Marcel Mauss (2003) tem como base o dar que, para ele, é transferir voluntariamente algo que nos pertence a alguém que não pode deixar de aceitar (Godelier, 2001). A tríade dar, receber e retribuir é vista como um ato voluntário e gratuito, mas é, ao mesmo tempo, obrigatório e interesseiro, pois trocar coisas era necessário para fazer parte do grupo no sentido ritualístico. Na perspectiva maussiana, a hospitalidade permeia a esfera condicional, já que a retribuição é necessária para a existência da dádiva, ainda que quem doe não tenha a garantia de receber de volta.

Nos estudos contemporâneos de hospitalidade, Jacques Derrida (2003) teoriza sobre a hospitalidade em um prisma paralelo ao de Mauss, o da hospitalidade incondicional. Ele transforma a obrigação da reciprocidade no ato sublime de não esperar nada em troca. Brusadin (2020, p. 263, tradução nossa) destaca que, no entendimento derridariano, “[...] as aspirações incondicionais de quem troca, ainda que existam condições para que o sistema do dom funcione, o dom puro está na hospitalidade incondicional, que não impõe nenhuma reserva nas relações de troca”.³

Derrida (2003) crê que a hospitalidade está no ato de acolher o inesperado no inesperado, algo que se assemelha muito mais ao ideal espiritual da caridade. Dessa maneira, o retribuir se anula, porque o próprio anfitrião ou doador se anula junto para se doar acima de tudo.

Derrida tenta responder às aspirações expressas na obra de Marcel Mauss em relação à dádiva, e enfatiza que a dádiva retribuída antes do conhecimento da dádiva dada anula a dádiva em si. Nesse caso, a dádiva interromperia o processo de circulação econômica inerente à prática capitalista. Para este autor, o puro dom reside na hospitalidade incondicional e “sem reservas”, que se distingue da atitude soberana do anfitrião e do parasitismo do hóspede. Derrida (1992) diz que o que é puramente dado não é mais uma dádiva, mas um tempo (Brusadin & Panosso Netto, 2016, p. 524).

Contanto, Derrida (2003) situa a hospitalidade incondicional como uma aspiração necessária para as relações humanas, especificamente no contexto migratório. Já Mauss (2003)

³ Tradução nossa para: “[...] les aspirations inconditionnelles de qui échange, même si les conditions existent pour que le système du don fonctionne, dans la vision derridienne, le don pur est dans l’hospitalité inconditionnelle qui n’impose pas de réserve dans les relations d’échange”.

situa a dádiva e suas condições como forma de coesão social nas sociedades antigas. De toda forma, a relação de poder existente entre o anfitrião e o hóspede e da hospitalidade como forma de laço social é um ponto comum entre teorias. Tal relação se torna fator crucial no entendimento de como se dá o acolhimento ou a hostilidade com o outro, uma vez que todas as práticas de hospitalidade produzem significados diante do poder de definir quem é incluído e quem é excluído (Silva et al., 2014) em determinada cena ou território.

Assim sendo, “a hospitalidade é a abertura em um mundo fechado, no qual as pessoas consideram que ser fechado é a melhor opção no que tange à segurança, proteção material, física ou psicológica” (Marcelino & Camargo, 2017, p. 54). É importante reconhecer a si e ao outro nesse processo, em especial quando se trata das migrantes, uma vez que essas mulheres se tornam ainda mais vulneráveis e experienciam processos ambíguos de acolhimento e hostilidade. A migrante pode ser a estrangeira, a turista, a refugiada, a trabalhadora, a mãe e a inimiga. A abertura do território é o requisito primário da dádiva para as relações de troca, as quais são sempre condicionadas pelo anfitrião.

2.2 As migrações contemporâneas e as relações de hospitalidade

Nos estudos da hospitalidade, a migração tem significativa relevância para as pesquisas, já que o foco é o outro, e um outro que é estranho e estrangeiro, inimigo em potencial. Dessa maneira, é uma chance para analisar as relações de acolhimento e de hostilidade. Para Innerarity (2001, p. 198, tradução nossa), essa curiosidade de estudo do migrante tem a ver com o fato de que “[...] O estranho deve a sua perigosidade e a sua sacralidade à sua participação num mundo extraordinário”⁴. Mais adiante, esse autor elenca os aspectos de destaque para esses estudos que se trata, “[...] portanto, dos três aspectos de lugar, posse e forma que distinguem o estrangeiro de si próprios” (Innerarity, 2001, p. 201, tradução nossa).⁵

Com efeito, o fenômeno da migração manifesta-se com um aspecto importante nos estudos de hospitalidade, uma vez que falar do migrante nos transporta ao exercício constante da empatia com quem deixou sua pátria forçada ou voluntariamente com ensejo de melhores

⁴ Tradução nossa para: “[...] lo extraño debe su peligrosidad y su sacralidade a su participación en un mundo extraordinario”.

⁵ Tradução nossa para: “[...] pues, de tres aspectos del lugar, la posesión y el modo que distinguen a lo extraño frente a lo propio”.

oportunidades e abrigo. Nessa perspectiva, a hospitalidade torna-se um direito de quem vem e o acolhimento deveria ser um dever de quem recebe, uma vez que viver em comunidade é, sobretudo, algo que nos torna humanos, dá a abertura ao diálogo com o outro e nos faz tolerantes com uma cultura distinta da nossa. Para Bourdieu (2002), a cultura existe como fator de distinção em um jogo simbólico de poder. Já para Rosa (2019), a cultura é fator de relação. cremos que a hospitalidade é o ato político de mediação entre as culturas como uma forma de relação entre as diferenças.

Desse modo, as formas de exclusão de migrantes e refugiados se aprofundam em detrimento de outros fatores, como gênero, raça, religiosidade, uma vez que mesmo antes de se tornarem sujeitos em êxodo eram, são e sempre serão parte de minorias. Innerarity (2001) reconhece esses fatores como algo antropológico, destacando que:

A experiência da estranheza é uma constante antropológica da mesma ordem que outras acima mencionadas, uma peculiaridade humana não possuída por outros animais pacificamente inseridos no seu ambiente. O que não é tão constante é a forma como os humanos lidam com esta estranheza, como pensam e a procuram, como a evitam ou convidam. (Innerarity, 2001, p. 196, tradução nossa)

Para Bizon e Camargo (2018), a hospitalidade é uma perspectiva, uma atitude que se constrói no diálogo possível entre os agenciamentos verticais e horizontais – sem, no entanto, apagar as tensões e relações de poder inerentes a qualquer diálogo. O migrante excluído de seus direitos e hostilizado como hóspede torna-se totalmente vulnerável a todo o tipo de exploração, o que implica sua exposição a trabalhos precários, ou seja, o processo de hostilidade do migrante leva a precarização da sua vida social e laboral, fato que repercute em toda sociedade.

No âmbito do feminino, diz-se que mesmo estando presente, sempre, nos processos migratórios, elas eram excluídas e deixadas de lado, ou eram colocadas no mesmo prisma quando analisadas. Isso prejudica de maneira substancial a realidade do fenômeno migratório. Nesse sentido, para a migração, na década de 2020, percebemos que as mulheres migram não somente por razões econômicas, mas, por exemplo, por rompimento com sociedades discriminatórias, nas quais estariam em posição subordinada (Assis, 2007).

Analisando o cenário nacional, é possível perceber o aumento considerável de mulheres buscando refúgio no Brasil. Esse protagonismo do deslocamento pode ser reflexo dos debates sobre empoderamento em destaque. Comparando os anos de 2011 e 2021, o número de mulheres imigrantes registrado neste ano é, aproximadamente, três vezes maior que o daquele, mesmo

levando em conta que 2021 houve impactos pela pandemia da covid-19, com 67.722 registros – o segundo maior número na década. (Junger, 2022)

Por tudo isso, reforçamos a importância de se analisar esse grupo nos movimentos migratórios e nas relações com a hospitalidade, uma vez que se tornam as mais vulneráveis do processo. Destaca-se, também, a importância de se estudar as relações da mulher na hospitalidade e na sociedade em si, para além dos arquétipos impostos à mesma no espaço fragmentado da hospitalidade doméstica e da hospitalidade comercial.

2.3 O protagonismo das mulheres na hospitalidade

Importante elucidar que a ideia do presente artigo não é imputar a mulher no imaginário do cuidar doméstico ou no papel do receber o hóspede na hotelaria, mas sim, tratar da sua hospitalidade como forma de protagonismo e empoderamento diante de relações de acolhimento e hostilidade. Com bibliografias ainda escassas sobre o tema propriamente dito, uma vez que a figura da mulher está, muitas vezes, associada à hospitalidade comercial e à fetichização do gênero, usaremos como base para a construção do tópico a dissertação intitulada *Hospitalidade: substantivo feminino?*, defendida por Carla Giannubilo Beneduce, em 2007, no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi.

Em um primeiro momento, Beneduce (2007) situa o leitor sobre os papéis de gênero na sociedade que se divide historicamente no binarismo feminino e masculino. Essa discussão é importante para compreender que esses papéis divididos impõem lugares de hospitalidade para um e para o outro.

Parece correto assumir que explicações de fundamento biológico, embora pertinentes, não são suficientes para explicar as diferenças de gênero. A explicação biológica é reducionista restringindo o conceito de gênero a uma visão “sexista”, onde o fato de ser homem ou mulher possam influenciar o comportamento de ambos os sexos, isso não explica nem justifica as relações de submissão e dominação que podem ser observadas nas relações entre homens e mulheres em diferentes sociedades em períodos históricos diversos. (Beneduce, 2007, p. 22)

“O patriarcado trouxe com ele a noção de poder, de propriedade e, vinculado a essa última, a ideia de monogamia, que teria origem na necessidade, por parte do homem, de controlar e apropriar-se das mulheres e de sua sexualidade” (Beneduce, 2007, p. 23). Tal controle acaba

por adentrar o mercado de trabalho; nas fábricas, por exemplo, as mulheres são desvalorizadas, trabalham horas exaustivas, mesmo grávidas ou em período menstrual, sem ter seus direitos ouvidos, muito menos atendidos. “O advento crescente do capitalismo trouxe a possibilidade de mobilidade social para todos, e não para todas” (Zanello, 2022, p. 33).

Apesar de o foco do presente artigo ser o olhar sociológico da hospitalidade, fazemos neste ponto um adendo ao leitor para explicar que não buscaremos abordar a hospitalidade a partir das perspectivas sociais ou comerciais tão-somente. Nesse sentido, há de se compreender que a hospitalidade da dádiva, ou a incondicional, vincula-se as mais diversas formas de poder de circulação social: o econômico, o político e o cultural. Posto isso, para entender a relação da mulher com a hospitalidade, é preciso inserir e discutir o imaginário do gênero no trabalho, uma vez que

[...] comparando com o mercado, que é o modelo de referência da circulação das coisas em nossa sociedade, e que se define pela oferta e pela demanda, se adota, geralmente, o modelo dos três momentos, as três obrigações do dom: dar, receber, retribuir. Adotar essa perspectiva significa que o dom não se define como ausência de retribuição, uma vez que um de seus momentos consiste na obrigação de retribuir. Mas essa retribuição não tem o sentido de uma troca econômica. Além disso, enquanto numa troca de tipo econômico o receber está implícito, no modelo do dom, receber não está implícito. (Godbout, 1997, p. 35-36, tradução nossa)⁶

Compreender que há a invisibilidade da mulher como trabalhadora demonstra a hostilidade da sociedade para com esse grupo. A essa hostilidade se atribui o imaginário construído socialmente durante anos, e que perdura até os dias de hoje, em diferentes proporções. Falar de hospitalidade com ou no gênero feminino é falar de quem opta por trabalhar, mas é designado a cargos de serviço de acolhimento, o que, para Zanello (2022), é causado pelo chamado dispositivo materno.

O dispositivo materno aponta para uma interpelação das meninas e mulheres no “heterocentrismo”: ou seja, a elas é ensinado que deve priorizar sempre as demandas, necessidades e interesses dos outros em detrimento dos próprios. Sendo mulheres, faria parte de sua suposta “essência” e “vocação” serem maternais e estarem sempre disponíveis para cuidarem dos outros. A construção do discurso sobre “instinto materno” data do século XVIII e veio atender aos anseios do capitalismo, no sentido de

⁶ Tradução nossa para: “Par comparaison avec le marché, qui est le modèle de référence de la circulation des choses dans notre société et qui se définit par l'offre et la demande, on adopte généralement le modèle des trois moments, des trois obligations du don: donner, recevoir, rendre. Adopter cette perspective signifie que le don ne se définit pas comme l'absence de retour, puisque l'un des moments consiste en l'obligation de rendre. Mais ce retour n'a pas le sens d'un échange économique. En outre, alors que, dans un échange de type économique, recevoir va de soi, dans le modèle du don, recevoir ne va pas de soi.”.

justificar as desigualdades pautadas na divisão sexuada do trabalho. Enquanto aos homens é dado o direito de cuidarem de suas vidas, mulheres são interpeladas a cuidarem deles, por eles e para eles. [...] O cuidado passa, assim, a ser naturalizado como “feminino”, “coisa de mulher”. Porém, é sempre bom lembrar: trata-se de aprendizagem cultural de gênero. (Zanello, 2022, p. 85)

Pensa-se na mulher como o ser que acolhe, que renuncia a si e se muda pelo outro onde seu lugar de desejo é colocado de lado para, desde nova, para o servir. Beneduce (2007) elucidanos sobre esse papel que é assumido desde cedo, quando, por gerações seguidas, a empresa que a mulher administrou foi a sua casa e seus colaboradores e clientes foram seus familiares e parentes. Isto proporcionou à mulher uma personalidade executiva voltada à administração de relações e emoções que nenhuma escola de administração poderia formar. Esse pensamento reforça quando adiante essa menina entra no mercado de trabalho e suas ideias podem ser diminuídas ou seu papel é organizar a vida do chefe, sem reconhecimento de tal, com risco de sofrer assédio e fetichização.

Para além dos arquétipos imputados ao gênero feminino no campo do trabalho, quando situamos o campo migratório, vê-se as hostilidades com as mulheres aumentar a partir do momento em que a migração passou a se caracterizar de natureza familiar, cujo momento é de absoluta vulnerabilidade. A figura do homem que busca formas de vida digna em território estrangeiro vem sendo substituída pela companhia feminina e dos filhos neste processo. Mulheres desacompanhadas também formam o composto de migrantes em situação de refúgio e que necessitam de acolhimento. Assim posto, situa-se o objeto empírico em si da presente pesquisa, o SJMR, em interface com o arcabouço teórico aqui exposto.

3 Vivências no SJMR: a ética do cuidado e do acolhimento feminino

Uma das autoras do presente trabalho realizou diversas visitas de campo no objeto de pesquisa propriamente dito - o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados em Belo Horizonte. A respeito da história institucional do SJMR realizou-se, a primeiro momento, uma conversa gravada e transcrita com a autorização da primeira entrevistada que levará o nome de Entrevistada 1 por todo tópico, em virtude da proteção da fonte, tal como aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da instituição ao qual esta pesquisa foi realizada.

A Entrevistada 1, anfitriã deste lugar, concedeu as informações pelo tempo que atua no projeto e por ter o conhecimento necessário para tal por meio de um relato livre da história desde

a criação do SJMR-BH até os dias de hoje. Atualmente, o SJMR está organizado em cinquenta países e tem assistido milhares de pessoas, com a prestação de serviços gratuitos, intervenções emergenciais, proteção, projetos de educação, integração, apoio psicossocial e pastoral. A instituição diz atuar em favor de acolhimento e hospitalidade da sociedade brasileira aos migrantes e refugiados, promovendo e protegendo sua dignidade e direitos e acompanhando seu processo de inclusão e autonomia.

No Brasil, o SJMR tem escritórios em Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e Porto Alegre (RS), sendo que esta pesquisa foi realizada no SJMR da cidade de Belo Horizonte. De acordo com a Entrevistada 1, o SJMR-BH vai além de um lugar puramente assistencialista de serviços básicos de moradia e comida, tornando-se um serviço mais completo, apesar de, como um serviço que está em constante análise e mudança, ainda ter lacunas a serem preenchidas.

Na minha opinião, nosso trabalho é bem completo porque alguns chegam achando que vai ser só o documento, e vamos além, do teto, ao documento, até trabalho, doações, mostrar os serviços públicos, Creas, por exemplo mostramos como fazer o cadastro, hospital, já fomos com vários migrantes ao hospital, questão de idioma também, a gente vai realmente até onde a gente pode, até coisas além do que propomos. Então, acho que assim, nós falamos que não é só um atendimento, é um acolhimento, a gente acolhe aquela pessoa. Mas acredito, sim, que a gente tem um atendimento sim bem completo. (Entrevistada 1, 2022)

Importante destacar que, no caso brasileiro, o termo utilizado para tal é acolhimento e assistência social. Neste trabalho, entende-se tal proposta, qual esta assistência social como plataforma de hospitalidade ao vincular suas ações com ideais da dádiva e do acolhimento, pois as obrigações são mútuas entre as migrantes assistidas enquanto hóspedes e as anfitriãs como responsáveis pela hospitalidade. Entretanto, ainda é preciso investigar com mais afinco o quão as formas de caridade das instituições religiosas são de fato políticas de hospitalidade, ainda que as categorias como o cuidado, a empatia o zelo com o outro estejam em seus ideais que, neste caso, se voltam às migrantes em vulnerabilidade social.

Atualmente, o SJMR-BH, para além do atendimento no escritório a pessoas das mais diversas nacionalidades, desenvolve um outro projeto em parceria com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) no acolhimento de indígenas refugiados da etnia Warao, com 96 pessoas. Os povos originários venezuelanos já estão em território brasileiro há cinco anos, como Rosa et al., (2021) elucidam:

A presença Warao é registrada no Brasil desde meados de 2014, mas se manteve pouco expressiva durante os primeiros anos. Foi somente a partir de meados de 2016, em decorrência do agravamento da crise na Venezuela, com desabastecimento de produtos básicos, hiperinflação e aumento da violência, que o processo de deslocamento de venezuelanos/as indígenas e não indígenas para o Brasil se intensificou. (p. 23)

Essa população acolhida se encontra, desde 2021, no centro de acolhida e formação Vila Alberto Hurtado, em Belo Horizonte, que pertence ao SJMR. Essa parceria público/privado serve como base para estreitar laços com o poder público e tem um cunho de educação para eles. Esta forma de hospitalidade aos migrantes que atrela a educação pode ser entendida como dominação sobre o outro? Fato é que as formas hierárquicas e interesseiras de hospitalidade também estão presentes no sistema da dádiva estudada por Mauss (2003) como lógica de poder.

Ainda se tratando da apresentação da instituição aqui pesquisada, outra atribuição do SJMR-BH é fazer parte de pesquisas, comissões e estar em conexão com o setor público e privado nos movimentos de debate sobre migrantes e refugiados no estado. Dessa maneira, como membro do Comitê Estadual de Atenção ao Migrante, Refugiado e Apátrida, Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Erradicação do Trabalho Escravo de Minas Gerais (Comitrate), o SJMR participou tanto da criação do 1º Plano Estadual de Políticas Públicas para Refugiados, Migrantes, Apátridas e Retornados de Minas Gerais, quanto do Projeto de Lei nº 3.200/2021, que visa garantir melhorias e articulações no âmbito legal e político para migrantes e refugiados em Minas Gerais.

Diante do entendimento da missão do SJMR, importa-nos, agora, situar a pesquisa de observação participante a qual buscou entender as relações em um ambiente estudado e que, como técnica utilizada em investigação, auxiliou na compreensão das relações de hospitalidade que ocorrem no local da pesquisa. Como elucidam Mónico et al. (2017), nesse tipo de pesquisa, o investigador está desde o início sendo observado, daí a necessidade de se construir uma base de confiança e empatia nos momentos de observação.

Elementos etnográficos foram incluídos na pesquisa diante da inserção da pesquisadora na pesquisa de campo, seja pela narrativa em primeira pessoa seja pelo envolvimento com o local pesquisado. Importante destacar que a observação participante possibilitou incluir as migrantes enquanto hóspedes nas análises, pois tal como dito, optou-se por não realizar entrevistas com as mesmas diante de sua situação de vulnerabilidade. Ainda assim, outras entrevistas com as anfitriãs do SJMR foram realizadas e serviram como fonte da pesquisa.

Posta a explicação metodológica, iniciamos, então, a jornada de interações, investigação e cognição da pesquisadora para com as relações de hospitalidade exercidas no SJMR-BH. Já em *locus*, um ponto que merece a atenção logo ao adentrar o escritório localizado no centro de Belo Horizonte, é o posto de recepcionista ser ocupado por uma mulher jovem. Esse fato foi observado durante todas as idas da pesquisadora ao escritório. Este fato reforça o dispositivo materno tratado outrora nesta pesquisa que se articula com o ideal de hospitalidade instituído no local – o acolhimento feminino. Zanello (2022) atribui o dispositivo materno à necessidade de a mulher sempre estar disponível a cuidar e acolher os outros, seja os da própria família, o(a) parceiro(a), os filhos, os parentes doentes, alguém que precise e, até mesmo, as relações de trabalho. As mulheres continuam, portanto, a ser vistas como cuidadoras natas, seja por uma obrigação que lhes são atribuídas historicamente como forma de obrigação seja por uma vocação dos sentidos femininos.

As mulheres, nesse lugar, são o rosto da acolhida. É o primeiro contato de dezenas de migrantes e refugiados que chegam em situação de vulnerabilidade àquele ambiente. Certa vez, porém, houve uma diferença na mulher que estava atrás daquela mesa e ela falava espanhol sem dificuldades e com um sotaque argentino. Ela também é uma migrante. Esse aspecto é novo e traz uma relação de reconhecimento importante para quem chega; alivia saber que em um país com idioma diferente do seu original, esse indivíduo será entendido e a comunicação, aspecto de hostilidade para o migrante, se torna ali acolhimento. Quatro colaboradoras são migrantes ou refugiados, o que reforça os aspectos de identificação e valorização do trabalho do público ali prestado. Grinover (2006) pontua que oferecer e receber informação é um mecanismo de hospitalidade.

Na pesquisa no SJMR-BH, fomos convidados a acompanhar um dos três campos de atendimento oferecidos, a saber: proteção, meios de vida e integração social. O primeiro que é observado é a proteção. Nesse departamento, trata-se de aspectos documentais e jurídicos, como adquirir a CRNM, o protocolo de refúgio, o Cadastro de Pessoa Física (CPF) e auxílio para obtenção de demais documentos necessários para que ocorra a naturalização como brasileiro(a). É oferecida ainda assessoria jurídica quando necessário, mas o SJMR não advoga.

Já na sala designada à proteção, assim que começam a ser explicados os processos, adentra um casal de aparência jovem que vem pegar os papéis da documentação para fazer a

CRNM dele e dos filhos; no total são seis pessoas na família. Ele já foi ao SJMR fazer o primeiro passo, o preenchimento de um longo formulário disponível no *site* da Receita Federal. Tal preenchimento demanda tempo e certo conhecimento documental e legal brasileiro, que a maioria dos migrantes e refugiados não possui, por isso busca o SJMR para auxiliar nesse processo.

O casal estava trajado com roupas sociais para resolver aquilo. A colaboradora tenta, em um espanhol não fluente, mas esforçado, para que eles pudessem compreender, manter uma comunicação enquanto entra no sistema da PF para verificar se estavam prontas as CRNM. Ela digitava números e nomes coletados dos registros de nascimento, no caso deles, venezuelanos, e os comunicou que estavam prontas e os horários que poderiam ir buscar. O casal pergunta se poderia ser no mesmo dia, pois o homem já havia perdido um dia de trabalho e, como recebia por diárias, não poderia perder mais. Enquanto eles esperam os papéis saírem da impressora, a colaboradora informa que ali há um setor que pode auxiliá-los a conseguir empregos de carteira assinada. Eles agradecem e dizem que vão se informar na recepção. Eles dizem várias vezes que obtiveram muita ajuda, agradecendo à Deus. Eles pegam os inúmeros papéis que precisam ser entregues à PF, todos são carimbados com a logo do SJMR, para que a PF possa identificar que eles passaram pelo Serviço. Os atendimentos se estendem sem parar durante todo o dia, fato que identifica a intensa movimentação por acolhida a migrantes na cidade de Belo Horizonte.

Notamos que apenas uma mulher vai só com seu filho de colo. As demais sempre vão acompanhadas de homens, e eles é que têm a iniciativa da conversa. Elas assumem o papel de tradutoras, não identificamos se por saberem melhor a língua portuguesa, ou se por comodidade. Algo que chama atenção é que as mulheres são as responsáveis pelos documentos; todas abrem uma pasta com os registros de nascimento, comprovantes de residência e demais papéis necessários. Nesse sentido, elas são as cuidadoras, as guardiãs, sempre organizadas e assumindo o papel de secretárias de suas próprias vidas. É, até certa forma, intrigante o fato de que a vida documental de uma família inteira caiba em uma pasta. De fato, estão fora de casa em uma situação única e atípica. Os documentos representam a porta aberta ou fechada da hospitalidade.

Nesse setor do SJMR, o processo é mecânico e há uma exaustiva burocracia jurídica, sem contar a barreira linguística. Entretanto, há um carinho intrínseco por parte da colaboradora, que busca sempre o olhar de quem é atendido, pergunta genuinamente sobre o estado de espírito daquela pessoa e tenta auxiliar para além de sua função designada. O acolhimento feminino

parece ser capaz de compreender a situação com empatia para além do papel a ser desempenhado.

Daquela sala, a pesquisadora é encaminhada à outra, onde está o setor de meios de vida. Não há pessoas sendo atendidas, então a colaboradora, uma refugiada venezuelana, explica que o SJMR possui cinco eixos transversais de atuação (proteção, integração, incidência, pastoral e meios de vida), mas que cada escritório trabalha com os eixos possíveis. Nos meios de vida, trabalha-se com a recuperação da dignidade da pessoa migrante e refugiada, informa-se sobre os direitos do trabalho, busca-se inseri-los no mercado formal de trabalho e auxilia-se os que querem empreender, dando consultorias e trabalhando para obtenção das documentações necessárias para tal.

Essas funções reforçam o que Camargo e Bueno (2011) elucidam quando dizem que a hospitalidade, como dimensão da dádiva, constitui-se também numa manifestação antiutilitarista de resgate do vínculo social, uma vez que motiva o reexame das relações sociais, auxiliando no seu fortalecimento em detrimento do privilégio dado às relações econômicas e do individualismo.

Meios de vida, é o único setor do SJMR que não foi possível realizar a pesquisa. Ali é onde ocorre o primeiro contato com os migrantes e refugiados, onde se busca facilitar o acesso aos serviços públicos de direito e pode haver alguns acompanhamentos psicológicos. Dessa maneira, reforçando os motivos legais e de ética da preservação da identidade e integridade dos atendidos não realizamos a pesquisa neste espaço. Entretanto, em entrevista com colaboradora que trabalha nesse setor, ela diz que ali há uma compreensão do limite institucional, de modo que alguns migrantes e refugiados são encaminhados para outro setor ou órgão adequado.

Algo que chama atenção em todos os ambientes do escritório são as obras de artes, presentes de migrantes e refugiados que passaram por lá, e os cartazes e folhetos de informação em diferentes idiomas e sobre assuntos diversos. Outro ponto em evidência é que somente as colaboradoras mulheres regem as visitas aos setores. Não podemos, entretanto, generalizar visto que há homens trabalhando ali.

Nas entrevistas, sobre o aspecto do feminino às colaboradoras é questionado se “Nesse tempo que você está aqui, você sofreu alguma hostilização por ser mulher?” As Entrevistadas 1 e 2, anfitriãs deste processo, dizem, respectivamente:

Então, nenhum setor é somente homem então acho que isso ajuda. Então por parte do SJMR não, nunca. Mas por atendimento, a gente tem, claro, uma experiência diferente. Por exemplo, já recebi cantada, porque assim, a gente tem o telefone pessoal e o

institucional e no institucional qualquer migrante tem acesso. Então acontece, mas temos sempre que manter o profissionalismo e temos até uma palavra-chave, uma palavra de segurança durante a conversa pra avisar que está acontecendo alguma coisa. Igual, por exemplo, essa pessoa que me deu a cantada, quando ela voltou já foi outra pessoa atender, ela percebeu né? Então, quando acontece, as vezes é as vezes por preconceito por ser mulher, por nervosismo. Questão cultural já tivemos um caso com, não lembro a localidade, mas do Oriente Médio. Mas é mais tranquilo quando chega família, e no começo. Mas quando chega o homem individual eles foram ariscos e buscando a validação de um homem, mas foi bem no começo. E a gente é assim, teve um problema, mas quando voltar vai ser atendido por mim, não tem muito como trocar e é isso. E pelo nervosismo acontece mesmo, eles passam por muita coisa, aí chega aqui quer gritar, e se estivéssemos só iríamos ficar com medo, mas é mais pra descontar pra você e claro que desconta na mulher, isso vem muito de gênero. (Entrevistada 1, 2022)

Já a Entrevistada 2 relata:

Eu acho que isso não foi muito direto assim, isso é as vezes muito sutil. Não foi de maneira direta, mas comigo isso acaba sendo muito sutil por ser uma instituição gerada por homens, e são coisas que a gente vai vivendo muito na sociedade e não percebe. Acho que anteriormente eu já vivi mais essas questões de não ter um protagonismo das minhas coisas serem ouvidas e respeitadas no trabalho, mas essas questões se atravessam né? Até que ponto isso é machismo, até que ponto é uma questão de trabalho ali da pessoa. Mas no momento não tenho nada recente, nem concreto, mas isso atravessa a gente todos os dias. (Entrevistada 2, 2022)

Esses relatos reforçam argumentos já apresentados outrora nesta pesquisa de que as mulheres que assumem esse papel de cuidadoras no âmbito laboral sofrem fetichização e hostilização. A ideia de se sacrificar pelo acolhimento do outro perpassa o trabalho das anfitriãs. Todavia, pela necessidade, ou por reforçar estigmas de seres que abdicam do seu para dar ao próximo como se esse fosse seu dom, as mulheres seguem exercendo seus trabalhos.

Quando abordadas sobre a hospitalidade em si e o papel do SJMR nesse processo de acolhimento aos migrantes e refugiados que ali buscam, citam que importa não confundir o acolhimento realizado com assistencialismo, pois o primeiro deve buscar a autonomia das mulheres.

Por mais que o espaço seja uma ONG é um esforço constante pra não cair no lugar do assistencialismo, porque a ideia é que seja um trabalho de dar autonomia pra essas pessoas. Quando a gente entra nesse lugar, é sempre fazer o esforço de sair desse lugar, de não levar esse discurso porque isso só cria, que carrega a ideia de que aquela pessoa nos deve algo porque a gente fez pra ela um favor. Que ela foi atendida aqui, então ela nos tem que devolver algo simbólico, que seja um obrigado, um Deus te abençoe. Mas, por outro lado, quando a pessoa vem deste lugar é reafirmar não, não precisa agradecer porque é um trabalho em conjunto pra que você acesse o que é seu por direito. Então não precisa agradecer, é um esforço que a gente faz até em equipe também, porque não é todo mundo que tem essa ideia. (Entrevistada 2, 2022)

Essa fala nos leva a refletir sobre um ponto crucial desse artigo: as relações de hospitalidade. Para a Entrevistada 2, não há necessidade de que a pessoa ajudada agradeça; então, esta pessoa não está em dívida nem com a colaboradora, nem com o SJMR. Entretanto, sob a égide da dádiva de Mauss (2008), Brusadin e Panosso Netto (2017) põem que a reciprocidade é uma condição de troca em integração social, sem a qual pessoas tendem a perder interesse e se retrair. Tal condição de troca vigora como uma norma de reciprocidade pela qual as sociedades se representam. Assim, o ato de atender migrantes e refugiados seria o ápice do sacrifício, seria anular a si mesmo de quaisquer reconhecimentos ou recompensas morais ou monetárias, o que não é o caso. Os autores ainda revelam que

O sistema sacrificial é, assim, verificado nos rituais das sociedades antigas em que mostram afinidades entre as práticas que, pela natureza do seu objeto e de seus resultados, parecem ser opostas. Há continuidade entre as formas de sacrifício, pois o mesmo mecanismo sacrificial poderia satisfazer necessidades religiosas extremamente diferentes. As ocasiões de sacrificar para o exercício da dádiva são inúmeras e os efeitos desejados muito diferentes, tendo em vista que a multiplicidade dos fins implica a dos meios. O sacrifício varia, nas diferentes sociedades, de acordo com os diferentes efeitos que ele deve produzir. Porém, não há um rito particular que não fosse complexo nele mesmo em suas razões-imaginárias. (Brusadin & Panosso Netto, 2017, p. 33)

Essa troca está implícita, isto é, espera-se algo quando se faz algo. Somos levados a crer que ter interesse, ou ser interesseiro, por este termo possuir uma conotação pejorativa. Questionada justamente sobre seu interesse, se por estar em um projeto de cunho religioso, havia algum ensejo de caráter espiritual em exercer aquele trabalho, a Entrevistada 1 diz que: “[...] eu pessoalmente não acredito que minhas obras terrenas vão ser suficientes para gente entrar no céu, no paraíso ou algum lugar depois. É claro que ajuda, você passar uma vida sem propósito, é... É ruim.” A contradição na fala demonstra as ambiguidades dos atos de hospitalidade os quais são presentes no sistema da dádiva maussiano: atos livres e obrigatórios, interesses e desinteresses ao mesmo tempo.

Ponderar sobre as vivências entre as anfitriãs e as hóspedes nesse ambiente nos fez observar que a hospitalidade não cabe em categorias exatas, especialmente diante de relações humanas. Acreditamos que a hospitalidade está, então, nas intercessões da ambiguidade da vida, entre o acolher e hostilizar, que, no caso das migrações, assim como o próprio movimento de deslocamento e seus sujeitos, estão em constante mudanças.

4 Reflexões finais

Este artigo procurou analisar as possíveis relações de hospitalidade contemporânea, sob o prisma da dádiva e a fenomenologia do acolhimento, especialmente diante do processo migratório e suas relações com o feminino. A abordagem multidisciplinar utilizada ampliou a visão e possibilitou que se entendesse a hospitalidade por diversos prismas e salientou a importância de pesquisas que tenham esse viés sociológico e antropológico em diferentes campos de estudo de maneira interdisciplinar.

A contribuição desta pesquisa foi ver campos analisados sempre como singulares tornarem-se plurais, revisitar conceitos de hospitalidade e explorar os conceitos e caminhos da migração atualmente e o papel da mulher nessa área. Mesmo que não tenhamos tratado do feminismo e suas teorias como objeto teórico, não invalida nossa perspectiva aqui adotada, ao contrário, pode servir de estímulo para futuros estudos que abarquem essa temática de maneira com outros olhares.

Embora não seja, e nem procure ser, um estudo conclusivo, pois muito há que se estudar sobre o tema, que é abundante, algumas afirmações e indicações de caminho puderam ser reconhecidas na pesquisa. Os estudos de hospitalidade avançaram no campo migratório nos últimos no Brasil, no entanto, ao relacionar as questões de gênero verifica-se a incipiência de pesquisas na área.

A hospitalidade acontece como forma de mediação entre acolher e hostilizar. As formas de hostilidade presente na migração é um fenômeno milenar e na atualidade reforça uma crise de hospitalidade (Brusadin, 2021). O papel da mulher se transformou diante das mudanças do processo migratório para o campo familiar de modo que a hostilidade às mesmas é consequência do processo de vulnerabilidade. Mesmo vistas como cuidadoras e maternais, as mulheres buscam espaço no mercado de trabalho e a hospitalidade feminina não está dissociada de tal, inclusive nas políticas de hospitalidade exercida pelas instituições ou pelo Estado.

Por fim, esperamos que esta pesquisa ajude na sensibilização sobre o tema por meio das diferentes perspectivas exploradas e, principalmente, que fomente debates, lutas por direitos e contra a xenofobia em relação a migrantes, refugiados e apátridas. Importante situar as dificuldades encontradas durante a pesquisa, desde a língua, passando pelas entrevistas, pela

incompatibilidade de agendas com o lugar estudado, até a escassez de material bibliográfico nos estudos da hospitalidade com tal abordagem.

A proposição de estudos futuros que mirem a ampliação do campo do turismo, por intermédio da hospitalidade, sobretudo diante da necessidade da desconstrução de um positivismo eminente na área, pode servir para adensar o campo e, ainda, decolonizar formas de pensamento alicerçadas pela visão puramente de mercado as quais, por vezes, ignoram pessoas protagonistas de nossa história latino-americano, anfitriãs e hóspedes, migrantes, mulheres.

Referências

ASSIS, G. D. O. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**. V.15, 745-772, 2007. <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2007000300015>

BAUMAN, Z. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar Ed.**, 2007.

BENEDUCE, C. G. Hospitalidade substantivo feminino? São Paulo: **Universidade Anhembi Morumbi**, 2007. Disponível em : chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://www.unifg.edu.br/wp-content/uploads/2022/05/Carla-Beneduce.pdf> Acesso em 24 de fevereiro de 2023.

BIZON, A. C. C.; CAMARGO, H. D. Acolhimento e ensino da língua portuguesa à população oriunda de migração de crise no município de São Paulo: por uma política do atravessamento entre verticalidades e horizontalidades. In: **Migrações Sul-Sul** 2, v. 1, p. 712-726, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ana-Cecilia-Cossi-Bizon/publication/350890443>. Acesso em 13 de maio de 2023.

BRUSADIN, L. B. ¿El fin de la hospitalidad? Los conceptos sociales fundamentales de la hospitalidad. **PatryTer**, v. 4, n. 7, p. 107-119, 2021. <https://doi.org/10.26512/patryter.v4i7.29654>

BRUSADIN, L. B. L'hospitalité aux immigrants et les frontières urbaines: du régime des échanges conditionnels de Mauss à l'hospitalité inconditionnelle de Derrida. **Revista Territórios & Fronteiras**, v. 2, n. 13, p. 256-274, 2020. <https://doi.org/10.22228/rtf.v13i2.1026>

BRUSADIN, L. B.; PANOSSO NETTO, A. O sacrifício e o espírito das coisas perante o dom e a hospitalidade: (des)entendimentos científicos. In: **Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento**. Curitiba, PR: Prismas, 2017. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002853232> Acesso em 5 de outubro de 2022.

BRUSADIN, L. B.; PANOSSO NETTO, A. La dádiva y el intercambio simbólico: supuestos sociológicos y filosóficos para la teoría de la hospitalidad en las sociedades antiguas y modernas. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 25, n. 4, p. 520-538, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6333379> Acesso em 5 de outubro de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAMARGO, R. S. S.; BUENO, M. S. Dádiva e hospitalidade na Bíblia. **Revista Hospitalidade**, p. 52-70, 2011. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/393> Acesso em 3 de outubro de 2022.

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. São Paulo: **Escuta**, 2003.

ELIAS, N. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2000.

JUNGER, G.; et al. Refúgio em números. **Observatório das Migrações Internacionais**, 2022. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados>

GODBOUT, J. T. Recevoir, c'est donner. **Communications**, v. 65, n. 1, p. 35-48, 1997. <https://doi.org/10.3406/comm.1997.1985>

GODELIER, M. O enigma do dom. São Paulo: **Record**, 2001.

GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, p. 29-50, 2006. Recuperado de <https://revhosp.emnuvens.com.br/hospitalidade/article/view/191>

INNERARITY, D. Ética de la hospitalidad. Barcelona: **Península**, 2001.

MALINOWSKI, B. K. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: **Abril Cultural**, 1978.

MARCELINO, G. K.; CAMARGO, L. O. D. L. Dimensões teóricas da noção de hospitalidade. In: Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. Curitiba, PR: **Prisma**, 2017.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, p. 185-318, 2003.

MÓNICO, L.; ALFERES, V. A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. In: **6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa**. v. 3, 2017. Disponível em : /Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales//Volume 3

ROSA, Harmut. **Aceleração**: as transformações das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSA, M.; et al. Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes. São Paulo: **ACNUR**, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/media/web-os-warao-no-brasil-pdf>

SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: **Editora Vozes**, 2014.

ZANELLO, V. A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: **Editora Appris**, 2023.

Artigo recebido em: 02/11/2024.

Avaliado em: 21/11/2024.

Aprovado em: 29/11/2024.